O **CADERNO CRIAR CORAGEM** (CCC) procura incitar à desaprendizagem do que já não serve e à ocupação de futuros por vir. Procura valorizar o poder do jogo e do brincar como algo estruturante na nossa evolução. É um caderno algumas vezes imperfeito, no tom, no conteúdo, na linguagem, na abordagem, mas mesmo assim, não deixando de se assumir como um repto para que se continue a construir a partir da crítica e de outros pensamentos e ações. Possa este caderno ser um ativador para criar coragem para mais e melhor democracia, participação e cultura e criação artística.

CORPOS, CABECAS, CORACÕES E COLETIVOS À OBRA!!!

REPÚBLICA PORTUGUESA
CULTURA

REPÚBLICA PORTUGUESA
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E INOVAÇÃO

Artes Plano Nacional das Artes

CADERNO CRIAR CORAGEM

PERGUNTAS PARA FAZER ACONTECER AÇÕES ARTÍSTICAS PARTICIPATIVAS

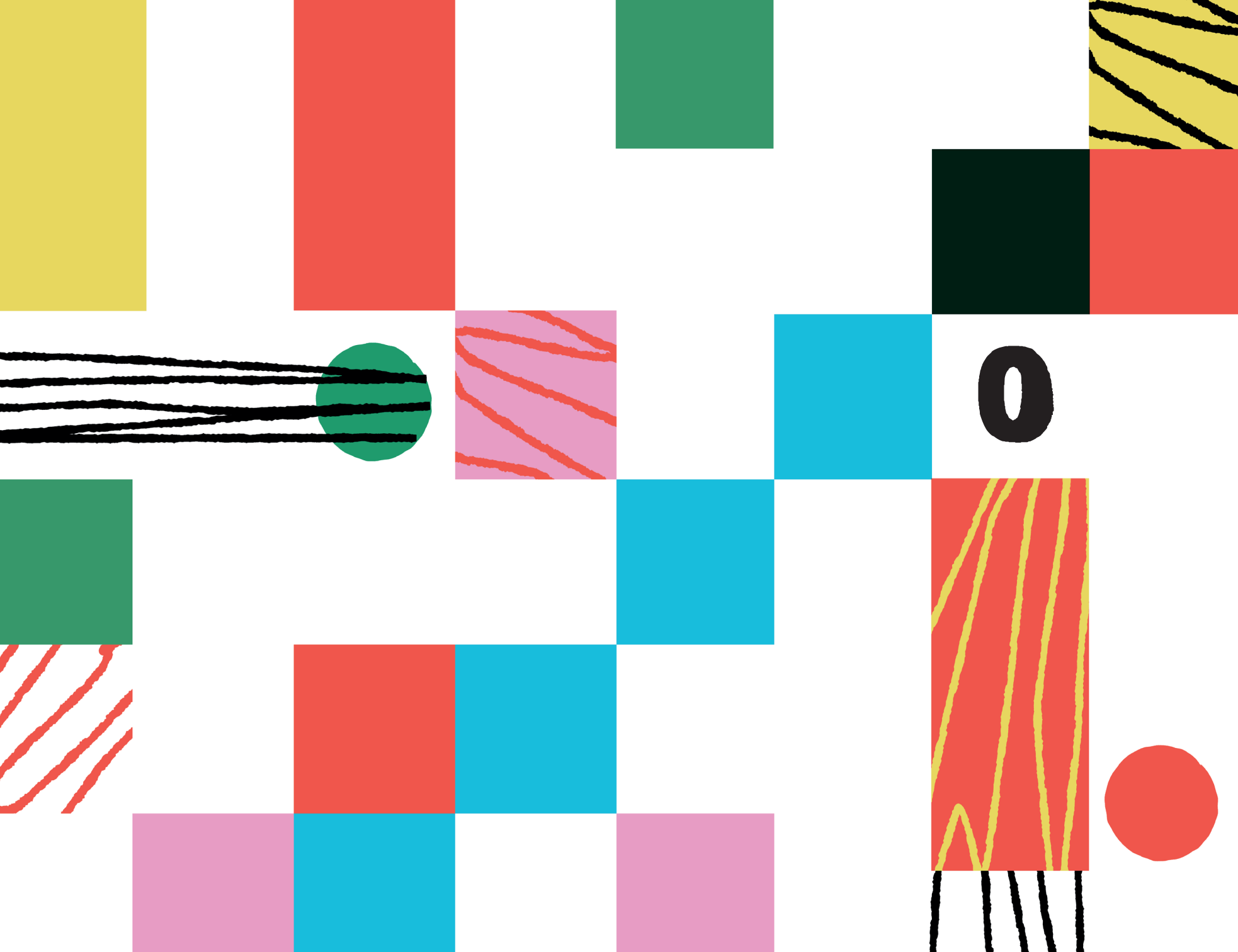
HUGO CRUZ (TEXTO) / TIAGO GALO (ILUSTRAÇÃO)

Neste caderno vais encontrar exemplos de

- provocações,
- ativações
- informações
- e citações.







3

QUE IDEIAS TE APARECEM DE IMEDIATO QUANDO LÊS O TÍTULO DESTE CADERNO?

Podes, por exemplo, dizer ALTO e escrever LIVREMENTE palavras/ideias associadas; tentares fotografar e desenhar tendo como ponto de partida este título ou procurares imagens que o traduzam.

ASSUNTOS DESTE CADERNO

QUE IDEIAS TE APARECEM DE IMEDIATO QUANDO LÊS O TÍTULO DESTE CADERNO? 3

O QUE É E PARA QUÊ ESTE CADERNO? 6

MODOS DE USAR 8

CORAGEM PARA PERGUNTAR – CELEBRAR A DISCUSSÃO 14

CORAGEM PARA CRIAR – ORGANIZAR AÇÕES ARTÍSTICAS PARTICIPATIVAS 34

INSPIRAÇÕES E INFORMAÇÕES PARA PESSOAS PERSISTENTEMENTE INSATISFEITAS COM AÇÕES ARTÍSTICAS PARTICIPATIVAS 58

NOTAS FINAIS QUE TAMBÉM PODEM SER INICIAIS 62

QUEM PARTICIPOU NA CONSTRUÇÃO DESTE CADERNO? 66

ALGUNS RECURSOS DESTE CADERNO 68

PARA CONTINUAR 70

O QUE É ESTE CADERNO?

E PARA QUE SERVE?



Este caderno é um dispositivo inacabado, que convida à participação e procura ativar processos que **criem coragem**. A urgência de se pensarem e construírem realidades impossíveis, que ainda não existem, mas que de tanto serem imaginadas e experimentadas se podem concretizar, exige coragem. Ao mesmo tempo, é vital encontrar **coragem para criar** diferente das realidades quotidianas, principalmente as que não nos satisfazem e precisam de ser mudadas. Para isso, na construção deste caderno optou-se por uma abordagem direta, prática e informal baseada em 44 PERGUNTAS PARA FAZER ACONTECER ações artísticas participativas, procurando fortalecê-las.

O CCC - CADERNO CRIAR CORAGEM - está disponível em formato impresso e digital **(https://www.pna.gov.pt/recursos-educativos/)** e é orientado, principalmente, para **jovens com idades entre os 16 e os 25 anos**, estudantes ou não, que tenham interesse em desenvolver ações artísticas participativas nas escolas e/ou noutros lugares das suas comunidades, independentemente das suas experiências anteriores.

Como não nascemos a participar e a criar, embora essa potência exista em todos os seres humanos, o CCC procura destacar pormenores, clarificar objetivos, provocar reflexões e potenciar a concretização de ideias, de pessoas interessadas em qualquer tema (exs.: transição ecológica, ativismo, educação, política, cultura, tecnologia, intervenção social...) e com particular gosto pela criação artística, a participação e suas conexões.

O CCC está organizado em três grandes partes – ***Coragem para perguntar,*** ***Coragem para criar,*** e ***Inspirações e informações para pessoas persistentemente insatisfeitas com ações artísticas participativas.*** Estas diferentes componentes podem ser usadas na ordem e momento que te fizer mais sentido.



O CCC levanta **44 PERGUNTAS** e **propõe ideias/pistas**
para pensar e concretizar ações artísticas participativas.
para explorares ao máximo este caderno é importante:

Leres em voz ALTA e/ou **canta** os modos de usar com diferentes r_i__t_m__os; sublinha dos pontos que se seguem os mais importantes para ti e para o coletivo.

apesar de serem sugeridos alguns exemplos de
provocações, ativações, informações e citações
para pensares com determinada organização e sequência, podes, sempre, alterá-las de acordo com o uso que estiveres a dar ao **CCC**;

não o levares demasiado a sério

teres a noção de que é imperfeito e que isso não é, necessariamente, negativo;

não o olhares como um guia ou um conjunto de procedimentos a seguir "cegamente" sem pesquisares e pensares criticamente sobre os sentidos das ideias propostas;

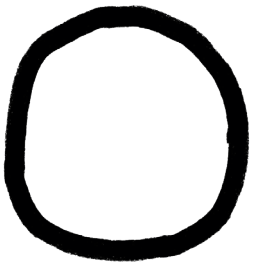
duvidares e desarrumares das suas propostas da forma mais útil para ti e para o coletivo;

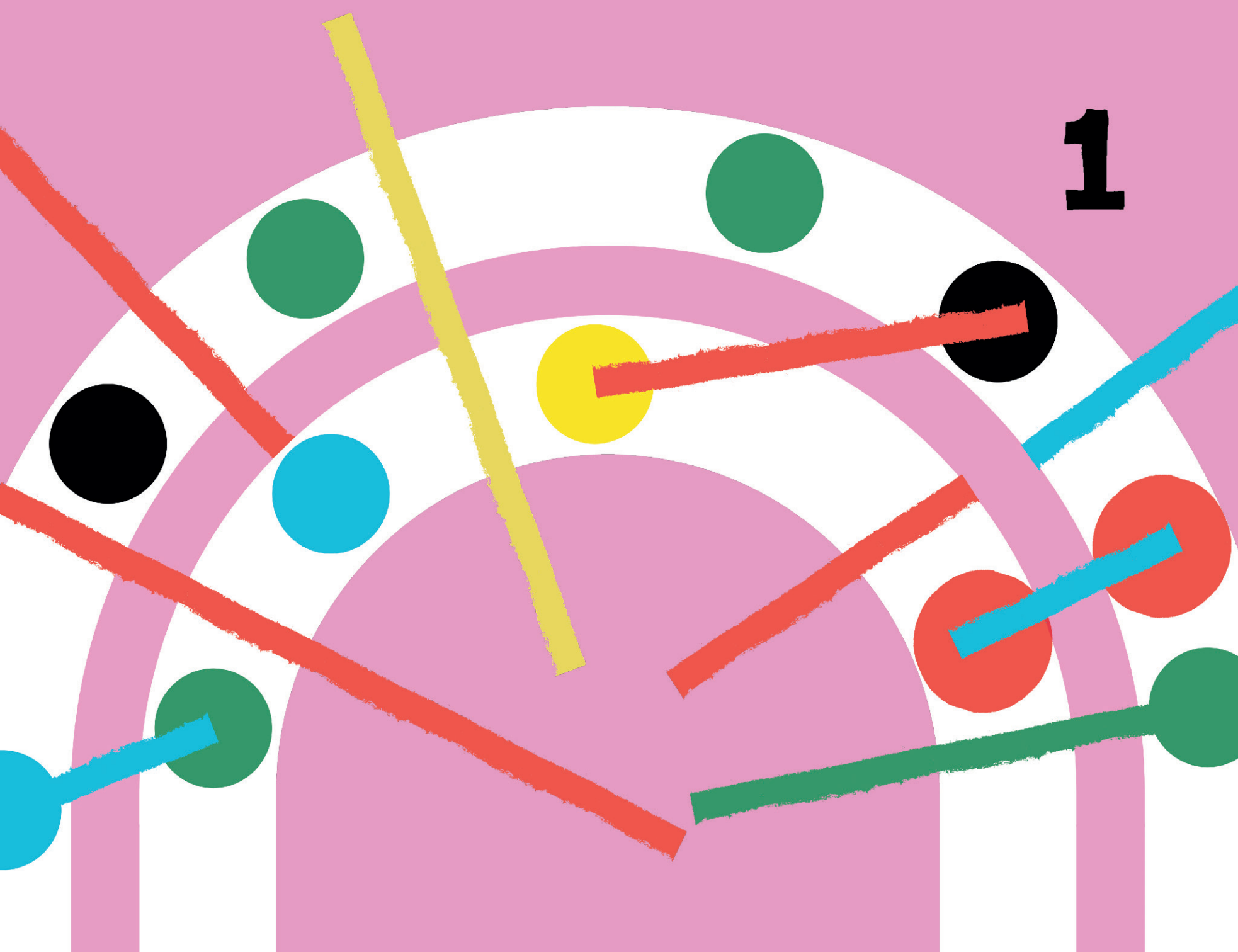
usares e abusares de motores de busca, e/ou outras fontes, principalmente quando palavras e ideias deste caderno te forem estranhas;

teres à mão material de trabalho complementar ao caderno
(exs.: lápis, música, canetas de cores, cola, tesoura, telemóvel, instrumentos musicais, tecidos variados, água, fones...)

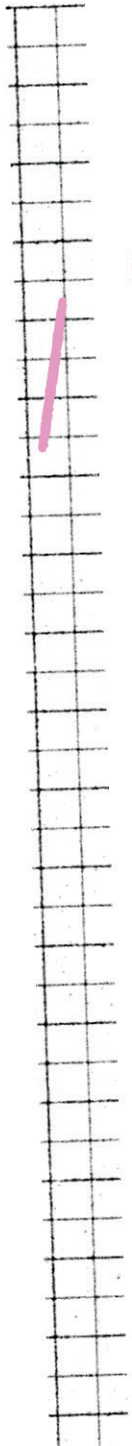
arriscares desaprender e cria outras formas de fazer e olhar para as coisas que estão aí, na vida!

e acima de tudo diverte-te a usá-lo!




1

CORAGEM PARA PERGUNTAR / CELEBRAR A DISCUSSÃO



Fazer boas perguntas é um exercício que permite celebrar a prática democrática e o pensamento crítico sobre as realidades. Ao contrário do que é comum pensar-se, mais do que encontrar respostas – principalmente as "certas" – o exercício de perguntar implica, por exemplo: **a curiosidade e o desejo de aproximação às pessoas e ao que é diferente de nós, como a natureza; e organizar e expandir os pensamentos e encontrar foco para a nossa ação.**

As perguntas que se seguem pretendem provocar em ti e no coletivo a necessidade de existirem espaços de questionamento, discussão crítica e confronto sobre ações artísticas participativas. Estas perguntas surgem, recorrentemente, em experiências deste tipo e podem ajudar-te a trocar algumas ideias, transformando-as, e tornando-as mais fortes e consistentes. São perguntas que, de uma forma geral, se associam ao

porquê?
para quê?
para quem?
e, já agora,
como se podem desenvolver estas ações?

É importante evitares a discussão das perguntas só com palavras. Experimenta fazer estátuas com o corpo, escrever poemas, construir esculturas com os materiais existentes nos espaços que estão a ser ocupados; criar ritmos com objetos e instrumentos musicais; utilizar aplicações de captação e edição de fotografia e vídeo, algumas delas disponíveis gratuitamente.

MAS, AFINAL O QUE SÃO AÇÕES ARTÍSTICAS PARTICIPATIAS?

Falamos de ações que surgem e se suportam na criação coletiva, e têm uma forte **ligação ao lugar** e ao **contexto sociopolítico** onde se desenvolvem.

Estas ações, de **autoria partilhada**, são construídas com base numa **relação horizontal** e de **confiança** entre quem participa. Implicam **flexibilidade** e **abertura** aos processos e resultados criativos e uma reflexão crítica contínua sobre os mesmos. **A negociação e tomada de decisão conjuntas** são fundamentais, assim como a **valorização dos quotidianos das pessoas** (Cruz, 2021). São ações muito diversas, o que é uma força, e suportam-se na

coragem de experimentar e criar.

Têm uma motivação clara de mudança social e dependem da forma como:

- a participação das diferentes pessoas/comunidades se concretiza;
- as dinâmicas dos processos criativos acontecem;
- se identificam e trabalham os temas que servem de ponto de partida para os processos criativos;
- os espaços de criação e apresentação se escolhem considerando a acessibilidade;
- a relação entre os/as distintos/as protagonistas envolvidos/as se constrói de acordo com as suas culturas.

E CULTURA? ESTAMOS A FALAR DE QUÊ?

Antes de pensares nisso está na hora de ires a uma esplanada ou correres na rua, parque ou à beira-rio, pelo menos 2 km.

Existem muitas visões distintas à volta do que se chama "cultura". Estas ações, sobre as quais aqui nos ocupamos, estão mais próximas de uma **ideia alargada, plural e transversal que não se limita apenas às obras e práticas artísticas** (exs.: romaria, baile, folclore, gastronomia, etc.).

Refere-se aos modos de vida que estão associados a uma pessoa, grupo ou a um período de tempo e, ainda, a processos de desenvolvimento que são, ao mesmo tempo, intelectuais, espirituais e estéticos. Por outras palavras, **estas ações dão importância ao desenvolvimento integral do ser humano, no qual a dimensão cultural e artística é fundamental.**

revindicar a cultura como ferramenta quotidiana de construção de formas menos individualistas, rígidas, egoístas e hostis de habitar o mundo...

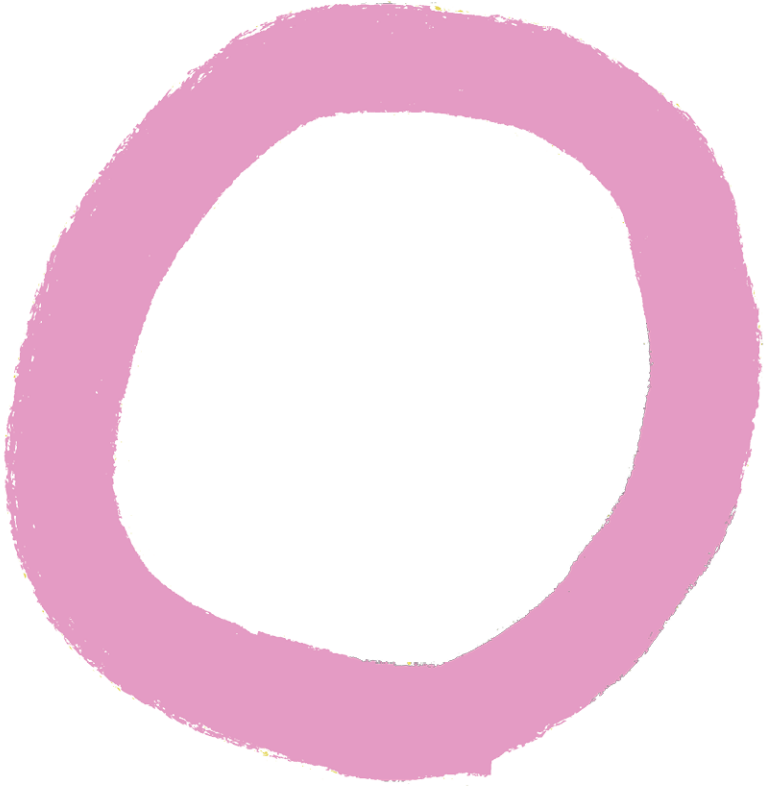
Jazmín Beirak

A democracia cultural, para além das preocupações com o **acesso e fruição cultural (democratização cultural),** preocupa-se em **desenvolver oportunidades de acesso aos modos de produção/criação** contribuindo, desta forma, para a **valorização de distintas estéticas e de diferentes elementos das comunidades.**

> Defende que todas as formas de cultura e as mais diversas expressões artísticas são, igualmente, válidas. Acredita que há cultura em todos os lugares, que todas as pessoas são criadoras de cultura e construtoras de múltiplos sentidos para as suas existências.

O direito a participar na vida cultural da comunidade é central na concretização da cidadania e da democracia e está consagrado na **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Em Portugal, a **Constituição da República Portuguesa**, de 1976, no Artigo 78.º, n.º1 é muito clara ao acrescentar o acesso à criação cultural na sua formulação:

todos têm direito à fruição e criação cultural, bem como o dever de preservar, defender e valorizar o património cultural.



Pesquisa mais informação sobre **democracia cultural** e tenta perceber como podes garantir que os seus princípios estão presentes nas ações artísticas participativas que estás a imaginar, bem como nas que já conheces.

Grava no teu telemóvel exemplos concretos de participação que encontras no teu dia-à-dia; pergunta a pessoas amigas e familiares o que é para elas participar.

A participação é um dos **pilares da democracia** sendo, ao mesmo tempo, um dever e direito fundamental de cidadania.

Participar implica "ação", "tomar parte de algo", "comprometer-se", "partilhar" e "comunicar".

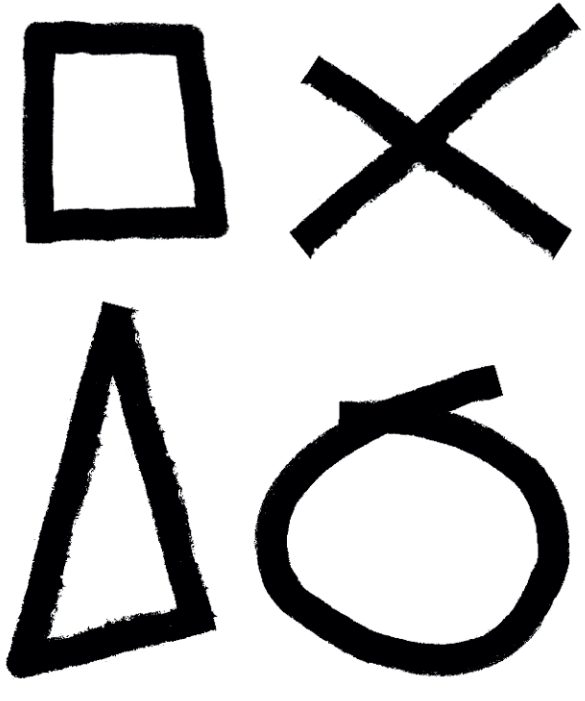
Para a participação se concretizar é necessário:

- a partilha e expressão de decisões que têm implicações na vida das pessoas e comunidades;
- a distribuição de responsabilidades e compromissos nos processos de tomada de decisão relativos a diferentes questões;
- existir negociação e o reconhecimento das outras pessoas;
- não a encarar como uma "tarefa", mas como uma vivência-experiência;
- o respeito pelos direitos políticos e cívicos de todas as pessoas, independentemente das suas diferenças.

Para contrariar problemas nos processos de redistribuição de poder e igualdade na participação é importante pensar como se podem **criar condições concretas para que todas as pessoas possam realmente participar.**

> Sabe-se, também, que um dos motivos para a **baixa participação** se relaciona com o sentimento que as pessoas têm de estarem a ser **instrumentalizadas. Quando a participação é sentida como eficaz, sentida como fazendo a diferença, tende a gerar mais participação.**

É, também, apontada a importância da **participação ser mais próxima da prática/experimentação,** não devendo ficar limitada, apenas, a ideias vagas e abstratas. Apesar do pessimismo quando se fala em participação, importa destacar a **emergência de novas formas de participar, muito diversas, principalmente propostas pelos jovens** (exs.: greves climáticas, diferentes formatos *online*, grupos/movimentos organizados com base na informalidade, horizontalidade e focados em temas concretos).



O momento que se vive, repleto de interrogações e possibilidades, exige, ainda mais, uma cidadania ativa, atenta e questionadora.
E, para além disso, uma crítica incisiva que seja, ao mesmo tempo, construtiva de outros modos de ser, estar e fazer.

Que outros exemplos, próximos e mais distantes de ti, conheces? Experimenta encontrar em revistas e jornais velhos imagens que representem esses exemplos e cria uma colagem que coloque essas inspirações em diálogo e confronto.

a política é também a possibilidade do amor.

Édouard Louis

Se olharmos para a participação cívica e política como um conjunto de atividades voluntárias e individuais das/os cidadãs/ãos, com o objetivo de influenciar – direta ou indiretamente – a vida das diferentes comunidades e as decisões políticas, podemos entender melhor a sua ligação com as ações que se abordam neste caderno.

As ações artísticas participativas são, pelas suas caraterísticas, uma das formas de concretização da **participação cultural e artística** que, por sua vez, têm desejavelmente uma **forte ligação à participação cívica e política.**

O funcionamento das democracias convoca os/as cidadãos/ãs para participarem na esfera política, sendo em simultâneo necessário que nesse exercício sejam respeitados os direitos políticos e cívicos das/os suas/seus concidadãs/ãos, independentemente das suas diferenças.

É muito importante garantir nas ações artísticas participativas a **qualidade da participação das pessoas** envolvidas e isso pode passar por:

- construir um **sentido de eficácia,** é o mesmo que dizer que quem está a participar sinta que está a ser eficaz, que a sua participação faz a diferença na ação que se está a desenvolver;
- ter em atenção que tudo a que se refere a **organização do grupo de trabalho** (exs.: horários, transportes, materiais necessários, alimentação e comunicação) influencia os aspetos criativos destas práticas, e vice-versa;
- existir **continuidade** das ações;
- optar por uma **visão mais centrada nos processos,** sendo que o resultado final é encarado como mais um momento dos processos de criação;
- procurar a **pluralidade, diversidade de opiniões e reflexão** nos coletivos;
- aceitar o **conflito** como algo normal e até essencial e não fazer por evitá-lo;
- estimular continuamente a **tomada de decisão partilhada;**
- construir **uma ligação forte ao lugar** onde acontecem;
- provocar a presença de **questões significativas** relacionadas com os quotidianos das pessoas na criação artística;
- procurar o **equilíbrio entre ação e reflexão** nos grupos de trabalho;
- garantir **questões instrumentais para a participação** (exs.: horários e espaços adequados, acesso a espaços de criação e apresentação), numa relação horizontal e de confiança;

- valorizar a prática, o **"aprender a fazer"** e **"aprender na ação".**

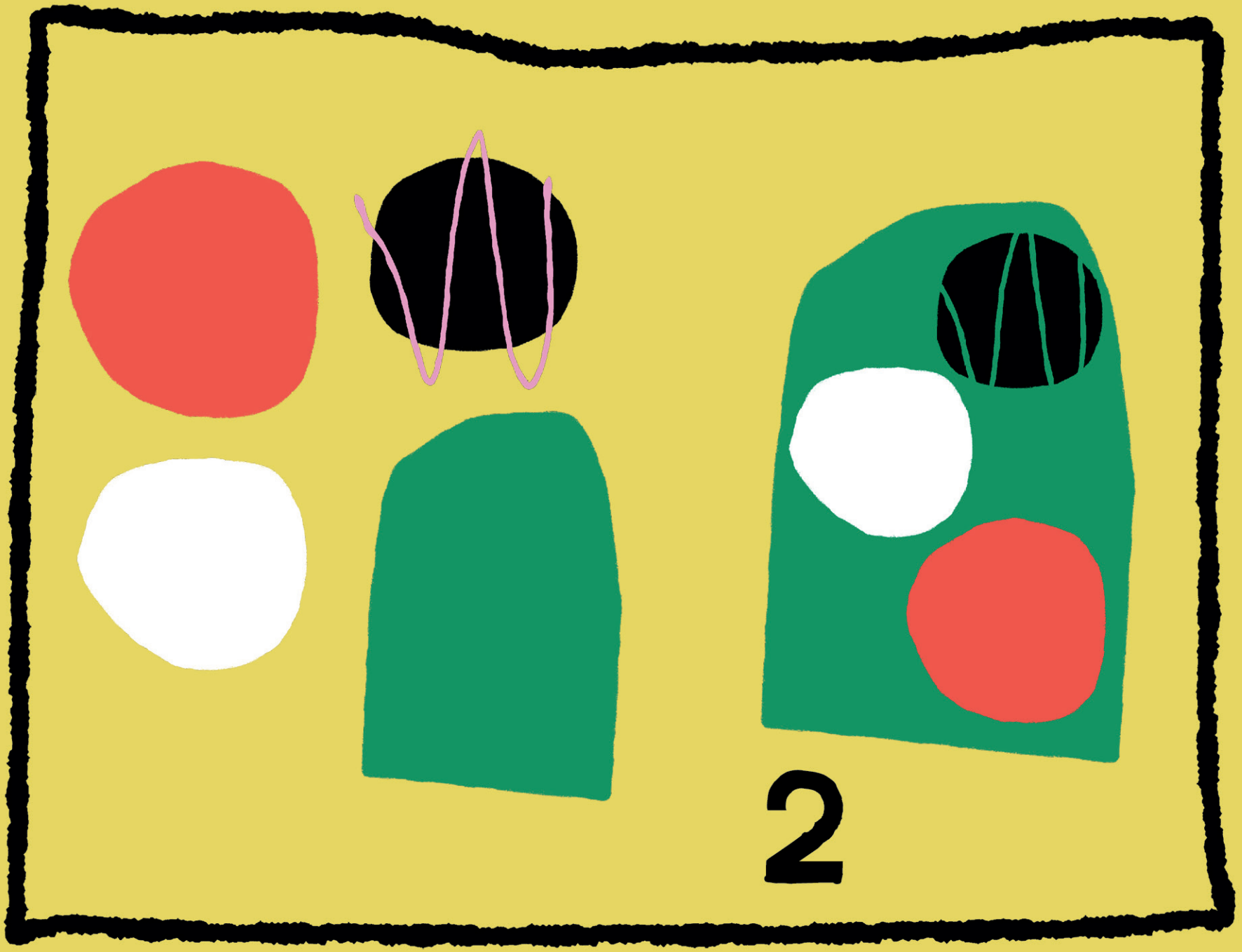
a participação que evita ao máximo qualquer tipo de tensão e confronto, encarando-os como coisas más a abolir, pode levar ao afastamento das tomadas de decisão. É aquilo a que se pode chamar de "falsa" participação, direcionada para a obediência e que apresenta os caminhos como únicos, inevitáveis e fechados ao questionamento.

Hugo Cruz

Conheces alguns exemplos no teu quotidiano em que isto acontece?

PARA TI, O QUE É MAIS IMPORTANTE TER EM CONTA NA ORGANIZAÇÃO DE AÇÕES ARTÍSTICAS PARTICIPATIVAS?

Procura ocupar livremente estas folhas com o que te vier à cabeça, sem te preocupares com a arrumação das ideias.


2

CORAGEM PARA CRIAR — ORGANIZAR AÇÕES ARTÍSTICAS PARTICIPATIVAS

As ações artísticas participativas só fazem sentido se funcionarem como **espaços de confiança,** que sejam **positivos** e **diversos** contrariando o que são, muitas vezes, os contextos de vida nas sociedades atuais, cheios de rigidez, individualismo e falta de prazer.

> Ao mesmo tempo, o espaço da criação artística deve convidar à **discussão**, ao **debate**, ao **confronto** e à imprevisão. Ambas as perspetivas podem coexistir e não se anulam, ao contrário do que pode parecer à primeira vista. É uma questão de se gostar e cultivar a curiosidade por outras possibilidades na vida que não conhecemos.

Uma das tarefas principais das ações artísticas participativas é encorajar a criação ou o reforço de espaços de experimentação, que sejam ao mesmo tempo, artísticos e políticos. Precisamos de mais **espaço para sermos livres e ocupar mais do nosso tempo a alimentar a imaginação.** Para isso é importante que os grupos de trabalho, na intimidade do seu funcionamento, aceitem o erro **como algo normal como parte dos processos,** e permitam explorar outras formas de expressão e organização individual e coletiva, **alternativas aos modos de fazer e ser habituais.**

> A [illegible] é essencial para se criar. É por isso mesmo que a arte pode ter um papel incontornável, ativando a **desformatação das realidades e a reivindicação de mais lugares de imaginação na vida.**

Pára de ler este caderno e volta só depois de teres revindicado um lugar para imaginares mais na tua vida. Pensa numa pequena revindicação que te permita experimentares e aceitares que o que é estranho pode ser uma força. O que te é familiar pode impedir-te de criar o novo que a vida está, muitas vezes, a pedir. **O que é realmente urgente mudar?** Siga?

PORQUE É QUE TE INTERESSAS POR ARTE, PARTICIPAÇÃO E POLÍTICA? JÁ PENSASTE NISTO?

NESTE MOMENTO QUAIS SÃO OS TEUS PRINCIPAIS INTERESSES E PRIORIDADES?

Escreve uma carta, um email sem remetente onde fales sobre os teus interesses e prioridades e da forma como achas que estás no mundo; utiliza um mapa do lugar onde vives e sinaliza pontos que se relacionem com os teus interesses e prioridades atuais.

Ter consciência dos nossos desejos, mesmo que eles vão naturalmente mudando, é fundamental para fortalecer a nossa ação, os nossos objetivos concretos e a orientação do nosso foco. Experimenta.

QUEM É QUE CONHECES QUE TEM INTERESSES E INQUIETAÇÕES SEMELHANTES ÀS TUAS?

E que tal olhar com olhos de ver para os lugares e para quem está por perto? Olhar como se fosse a primeira vez. Se calhar está na hora de marcares com alguns amigos/as um café, uma caminhada, um jogo de vólei, uma saída sem qualquer pretexto, mas fora do quotidiano, para trocarem ideias, inquietações, desejos e vontades.

EXISTEM OBJETIVOS, MINIMAMENTE CLAROS, QUE JUSTIFIQUEM CONVIDAR MAIS PESSOAS A JUNTAREM-SE A ESTAS AÇÕES?

Os objetivos, num primeiro momento, podem passar por ativar um coletivo, experimentar aprofundar temas e abordagens artísticas que possam ser de interesse comum, estando tudo o resto, no processo, **em aberto e em constante construção.** Para começar não é necessário ter tudo definido à partida é, justamente, esse o risco e, ao mesmo tempo, **o prazer da construção em coletivo e em tempo real.**

COMO PODEMOS PASSAR DE UMA VONTADE DE DUAS OU TRÊS PESSOAS AMIGAS PARA A FORMAÇÃO DE UM COLETIVO?

Divulgar informalmente "boca a boca", ter tempo para explicar e argumentar o porquê do interesse destas ações; fazer o convite às pessoas de forma clara, concreta e direta; utilizar as redes sociais como canais que permitem amplificar; encontrar e ativar cúmplices na escola e/ou na comunidade que apoiem neste "passar a palavra" (exs.: um/a professor/a, uma pessoa que trabalhe na rádio local, alguém que faça parte do grupo que anda de skate na praça ou que organize festas nos bares do momento).

QUE ESPAÇOS SE PODEM OCUPAR COM ESTAS AÇÕES NA ESCOLA/ UNIVERSIDADE E FORA DELA, NA COMUNIDADE?

Todos os espaços são válidos para criar e participar. O importante é que sejam acolhedores e significativos para o coletivo.

Podes dobrar as folhas pelo pontilhado para relacionar questões.

O QUE TER EM CONSIDERAÇÃO NUM PRIMEIRO ENCONTRO DO COLETIVO?

Garantir que toda a participação no coletivo é **livre, voluntária e não está sujeita a avaliações** do tipo "está bem ou está mal" e/ou "é bom ou é mau".
Escolher local e hora acessíveis; criar um ambiente informal, lúdico e prazeroso; garantir a escuta e o interesse pelo que está a ser dito e feito; clarificar o porquê deste espaço e as principais motivações para a sua construção; estabilizar, logo que possível, um conjunto de aspetos de funcionamento – horário, dia da semana, frequência. Um calendário, a médio-longo prazo, pode ser feito mais à frente quando os objetivos do coletivo estiverem mais claros.

CONSEGUIMOS FAZER UM PRIMEIRO ENCONTRO. E AGORA?

Após o primeiro encontro, é essencial que se mantenha a "chama acesa", mas também que se deixem as primeiras ideias assentar. Para isso, ao longo do processo, o coletivo não se pode esquecer de se questionar regularmente, de ter dúvidas e aceitar que existem impasses e obstáculos que fazem parte e permitem chegar ao que não se imaginou inicialmente, mas que não é necessariamente pior. Não deixes de alimentar, no grupo, a capacidade de **(des)aprender, de brincar, de ser curioso(a) e insatisfeito(a).**

Hoje é dia para ver um filme em casa ou no cinema.
Não esquecer.

QUE RECURSOS, REALMENTE PRECISAMOS OU ACHAMOS QUE PRECISAMOS, PARA FAZER ACONTECER AÇÕES ARTÍSTICAS PARTICIPATIVAS?

Muitas vezes estamos à espera de condições ideais para as coisas acontecerem. No início, o mais importante é existir um grupo de pessoas motivado e com vontade de fazer acontecer. Essa é uma das condições mais preciosas!
Com o tempo e o processo as outras condições vão-se reivindicando e concretizando.

QUE RESPONSABILIDADES E COMPROMISSOS ESTÃO OS VÁRIOS ELEMENTOS DO COLETIVO DISPONÍVEIS A ASSUMIR NA CRIAÇÃO DESTAS AÇÕES?

Para tornar as coisas claras é bom pensar alto e falar sobre elas com outras pessoas. Essa partilha pode ajudar a perceber até onde e como se está disposto a ir em determinado momento e com o coletivo em questão. Esta clarificação não quer dizer que a qualquer momento, de acordo com a experiência que se vai vivendo, as responsabilidades e compromissos sejam renegociados.

Para ganhares fôlego para pensares nas perguntas seguintes põe música bem alta e dança como se não houvesse amanhã, independentemente de onde estiveres.

O QUE FAZ "MEXER" O COLETIVO

QUAIS OS TEMAS E AS IDEIAS QUE O COLETIVO QUER TRABALHAR? O QUE O PREOCUPA E ENTUSIASMA NO MUNDO?

O ponto de partida para o processo pode ser muito diverso (exs.: uma ideia inicial, um sentimento, uma imagem, um conceito, uma história, um tema, um texto, uma fotografia, uma música, uma preocupação política ou um interesse comunitário concreto).

QUAIS AS ABORDAGENS ARTÍSTICAS A ATIVAR DE ACORDO COM OS INTERESSES E MOTIVAÇÕES MANIFESTADAS PELO COLETIVO?



Não quer dizer que o coletivo não experimente abordagens artísticas com as quais nunca tenha tido contacto, ou não se interesse à partida. Antes pelo contrário, essa exploração enriquece e **tira força à vergonha e insegurança.** Se o grupo apoia atira-te à ação.

O QUE É MAIS IMPORTANTE PARA O COLETIVO? O QUE QUEREM MESMO FAZER? QUAIS AS SUAS PRIORIDADES?



E que tal fazer um manifesto que reflita o estado atual dos desejos do coletivo? Deixem-no à vista e sempre pronto a ser usado e alterado.
Pode valer muito a pena pesquisar o que é um manifesto e os diferentes tipos existentes.

Ver a parte final deste caderno dedicada às informações e inspirações.

COMO PENSAM FAZER A PESQUISA SOBRE OS TEMAS?



Pesquisar e perguntar sobre os temas de interesse permite ampliar as visões que existam sobre os mesmos. À partida, o coletivo terá mais capacidade de ser autónomo e independente quanto maior for a sua capacidade de pesquisa.
Os elementos de um coletivo têm características e competências distintas potenciando as diferentes funções que podem ter na pesquisa (p. ex.: procurar na internet, livros e arquivos; entrevistar pessoas diversas; recolher fotografias e fazer composições com elas; procurar e ver filmes; organizar conversas e pequenas exposições; ver espetáculos e concertos; observar as comunidades e fazer registos de diferentes formas).



Um caderno de notas, tenha ele e forma que tiver, mas que cumpra essa função de anotar, é precioso nas ações artísticas participativas! Ter um sempre por perto, mesmo quando se acorda a meio da noite.

QUAIS AS PESSOAS QUE PODEM APOIAR, DE DIFERENTES FORMAS, AS AÇÕES QUE QUEREM DESENVOLVER? POR OUTRAS PALAVRAS, QUE PESSOAS ALIADAS É QUE O COLETIVO TEM E/OU PODE VIR A TER NAS ESCOLAS E/OU COMUNIDADES?



As aliadas podem ser pessoas, associações e organizações formais e informais que possam ajudar a encontrar um espaço, a disponibilizar um lanche, a organizar um transporte, principalmente para quem não tem acesso e precisa de se deslocar.
Às vezes estes apoios encontram-se no café onde costumas lanchar ou no tio de um elemento do grupo que tem uma carrinha da sua empresa com sete lugares. Existem alguns apoios a que se pode recorrer para ações deste tipo, que vale a pena explorar (exs.: Instituto Português de Desporto e Juventude; Autarquias, nomeadamente através dos pelouros relacionados com a juventude, educação e cultura; orçamentos participativos; iniciativas de algumas Fundações e apoios do comércio e empresas locais).

QUE PESSOAS, NA COMUNIDADE, TÊM RECURSOS PARA INSTIGAREM O GRUPO ARTISTICAMENTE E POLITICAMENTE? SERÁ QUE PODEM SER CONVIDADAS A ESTAR ENVOLVIDAS NESTAS AÇÕES? DE QUE FORMA?



Pensar através de quem e como podes chegar a estas pessoas. Seres transparente, mostrar entusiamo e assumir ao que se vai, costuma dar bom resultado!

QUANDO O COLETIVO JÁ ESTÁ A FUNCIONAR É IMPORTANTE CONTINUAR A PERGUNTAR [E NÃO APENAS QUANDO AS COISAS CORREM MAL].

QUE ESPAÇO DA COMUNIDADE ESTÁ O COLETIVO A OCUPAR? PORQUÊ ESSE E NÃO OUTRO? QUE IMPORTÂNCIA TÊM OS ESPAÇOS PARA CRIAR E APRESENTAR AÇÕES?

O COLETIVO ESTÁ A ASSEGURAR A EXPRESSÃO LIVRE E O PENSAMENTO CRÍTICO NAS SUAS AÇÕES?



Sai de onde estás e vai dar uma volta, tentando fazer um percurso que seja conhecido para ti. No caminho tenta reparar em coisas às quais nunca prestaste realmente atenção. Depois disso talvez voltes mais arejado a este caderno.

O COLETIVO ESTÁ A GARANTIR A EXPRESSÃO PRÓPRIA, O PRAZER E O ENVOLVIMENTO NOS PROCESSOS CRIATIVOS?



É importante perceber se o coletivo funciona em estreita colaboração permitindo expressar, partilhar e articular as suas opiniões, crenças, ou perceções sobre a comunidade e/ou sociedade.



O fim de semana está perto? Tens alguma coisa combinada com alguém?

O COLETIVO ESTÁ A RECORRER AO JOGAR E BRINCAR PARA TRANSFORMAR IDEIAS EM REALIDADES?



É a jogar que apreendemos o mundo e construímos a relação com ele. A informalidade trazida pelo jogo/brincadeira permite o acesso a experiências e aprendizagens mais livres e orgânicas ao longo da vida toda e não só na infância e juventude, como preconceituosamente, muitas vezes, se pensa.

ESTÃO CLAROS OS PRINCÍPIOS PARA UMA CRIAÇÃO COLETIVA?



Lá atrás, neste caderno, quando se fala sobre qualidade da participação podes encontrar alguns pontos interessantes para esta discussão.

O COLETIVO É, REALMENTE, PLURAL E DIVERSO? OU SEJA, INCLUI PESSOAS DE DIFERENTES ORIGENS, CRENÇAS, CULTURAS, RELIGIÕES? REÚNE PESSOAS COM OPINIÕES E FORMAS DE VIVER DISTINTAS?

O COLETIVO PROCURA UMA SOLUÇÃO OU EXPLORA POSSIBILIDADES DISTINTAS? GOSTA DE NÃO SABER, À PARTIDA, A QUE RESULTADOS SE VAI CHEGAR?

O COLETIVO CONSIDERA IMPORTANTE A DEFINIÇÃO DE OBJETIVOS E METAS NO PROCESSO CRIATIVO? E, SE SIM, PODEM SER O QUÊ?

COMO SE PODE EVITAR QUE O FOCO SEJA DADO APENAS AOS RESULTADOS [APRESENTAÇÃO DE] OBJETOS ARTÍSTICOS QUE, MUITAS VEZES, SE IDEALIZAM COMO PERFEITOS, NÃO DEIXANDO DE EXPLORAR AS MUITAS POSSIBILIDADES QUE EXISTEM NUM GRUPO QUE CRIA DE FORMA PARTICIPADA?

É IMPORTANTE OU NÃO FORMALIZAR O COLETIVO, POR EXEMPLO, NUMA ASSOCIAÇÃO E/OU COOPERATIVA? PORQUÊ?

Há coletivos que são efémeros e/ou informais e não deixam, por isso, de ter o seu espaço próprio e legítimo. A ideia de que existe apenas uma forma de enquadrar e apoiar as ações artísticas participativas, nomeadamente formalizando os seus formatos, deve ser questionada. Nestes coletivos são, muitas vezes, experimentadas formas de funcionamento alternativas às quais vale a pena prestar atenção.

A partir da p. 50 são sugeridos alguns *links* para pesquisas relacionadas com este assunto.

Há dúvidas? Inquietações?
Há que falar sobre isso então.

QUANDO O COLETIVO DECIDE QUE ESTÁ NO MOMENTO DE APRESENTAR UM OBJETO ARTÍSTICO

Antes de passares a esta parte respira fundo e não te espantes se no final deste questionamento o coletivo chegar à conclusão que talvez não seja, ainda, o momento de uma apresentação pública. Não há problema nisso, há momentos no **processo que é mesmo importante que as ideias descansem e se tornem mais fortes e consistentes.**

PORQUE É QUE O COLETIVO DESEJA APRESENTAR UM OBJETO ARTÍSTICO? E PORQUE É QUE O VAI APRESENTAR DA FORMA QUE DECIDIU?

Encontra uma posição confortável. Deixa o teu corpo ficar nela e descansa. Sim só isso e sem tempo contado já agora.

ONDE É QUE QUER APRESENTAR E PORQUÊ?

A QUE PÚBLICOS GOSTARIA DE CHEGAR E PORQUÊ?

QUAL A VERDADEIRA ESSÊNCIA DO OBJETO ARTÍSTICO? TEM UMA DIMENSÃO POLÍTICA?

PORQUE É QUE ESTA APRESENTAÇÃO É INTERESSANTE PARA SE VER E EXPERIENCIAR?

COMO SE PODE CONCRETIZÁ-LA?

Alguns exemplos: fanzines, exposições, batalhas de poesia, murais, rodas de conversa, mostras/festivais, oficinas, desfiles/paradas, intervenções de arte urbana, espetáculos de teatro, música ou dança, ciclos de cinema, etc.

a arte não explica, implica.

Sophia de Mello Breyner

QUE PERGUNTAS FAZ A CRIAÇÃO ARTÍSTICA ÀS PESSOAS?



- Antecipar, em conjunto, passos a dar para se fazer uma apresentação pública e registá-los;
- visitar possíveis espaços de apresentação e perceber os seus prós e contras;
- entender a necessidade de pedidos de autorização para o uso dos espaços;
- falar com pessoas da comunidade;
- discutir a disposição do público e as melhores formas para o convidar a participar nas apresentações públicas;
- perceber quais os materiais necessários e a quem ou onde se podem pedir emprestados (exs.: equipamento de som e luz, cadeiras, materiais de construção, suportes expositivos, figurinos, etc.).

Muitas vezes o primeiro impulso é pensar em comprar o que se necessita para as apresentações. Esse é o "chip" de resolução de problemas que está mais ativado nas sociedades ocidentais. Como, na maior parte dos casos, os euros necessários para isso são poucos ou não existem, é muito importante que isso não impeça de fazer as coisas. Para além disso, e talvez o mais importante, é que ao recorrer ao empréstimo e reaproveitamento de materiais, aprofunda-se:

- a capacidade de trabalhar em rede e com suporte das outras pessoas;
- o conhecimento da comunidade onde se está e quais os seus recursos;
- o contributo importante para a sustentabilidade ambiental.

Experimenta tu mesmo, e propõe ao coletivo, que recolha lixo e/ou coisas que já não se utilizem (exs.: roupa, acessórios e calçado velho) durante um mês e tragam para uma sessão de trabalho. Convém que se vá lavando, principalmente algum lixo, para não se tornar insuportável esta acumulação.

- Divulgar as apresentações garantindo uma linguagem clara e simples, não simplista entenda-se, e ativando também formas mais informais de o fazer.

Relembra algumas das sugestões apresentadas na parte do alargamento do coletivo que se podem adequar, também, a este caso. Experimenta escrever um texto breve e/ou um "post" a partir desta dica:

- distribuir tarefas pelos diferentes elementos do coletivo e definir bem os momentos em que acontecem;
- ter certeza que nada do que se possa antecipar vai exatamente acontecer como se imaginou. A existência de uma estrutura permite maior flexibilidade e preparação para encontrar caminhos alternativos e se optar por distintos desvios criativos;

E PARA ALÉM DO PRAZER, TAMBÉM HÁ COISAS QUE CORREM MAL EM PROCESSOS DE CRIAÇÃO ARTÍSTICA PARTICIPATIVA. É BOM NÃO DEIXAR DE DAR ATENÇÃO A SITUAÇÕES QUE SE PODEM TORNAR OBSTÁCULOS.



Antes de passar aos obstáculos. O tempo está bom para ir dar um mergulho ao mar ou ao rio? Vai! Alguma pessoa amiga alinha?

- algumas dificuldades em construir uma autoria partilhada e tomar decisões conjuntamente;



Provavelmente porque as pessoas estão educadas para o contrário, não será? Para se resolver as coisas individualmente, ser o/a melhor, de preferência em pouco tempo e de forma eficaz.
E que tal se experimentares fazer as coisa em coletivo? Esta experiência artística participativa pode ser um bom lugar para viver isso.

- confusão entre a construção de uma relação horizontal e a indefinição de diferentes funções/responsabilidades para os elementos do coletivo;
- as motivações e interesses, que vão mudando, e não são explicitadas ao longo dos processos criativos, ou seja não são faladas ou expressas;



É bom pensar porque é que temos receios de partilhar as nossas opiniões em determinados lugares e com algumas pessoas. E se criássemos coragem no coletivo para o fazer?

- pouco equilíbrio entre as componentes artística e participativa destas ações;

arte e (o)social não são para estar reconciliados ou em colapso, mas sustidos em contínua tensão.

Claire Bishop

- existência de um ambiente competitivo centrado exclusivamente nos resultados e na performance, o que em vez de criar coragem a pode inibir;
- crença de que estas ações vão contribuir para a "união", para criar um "nós", desvalorizando a necessidade da presença da diversidade e do confronto, enquanto elementos estimulantes;
- risco de o trabalho do coletivo rapidamente ser institucionalizado, ou seja, perder a sua informalidade e passar a ter um conjunto de procedimentos e comportamentos previsíveis e rígidos;
- excesso de expectativas irrealistas de transformação social para o que é o contexto da ação de um coletivo desta natureza;
- acreditar que as ações artísticas participativas vão, por si só, resolver problemas, por exemplo, sociais e/ou educativos; existem limites e isso não torna o coletivo, necessariamente, mais fraco;
- ter a ideia de que estas ações só fazem bem às pessoas.

O

Não é bem assim. Os processos criativos trazem naturalmente alguns desconfortos, mas o mais importante é que estes não sejam persistentes. Nesse caso realmente alguma coisa pode estar a correr menos bem e é essencial perceber se aspetos éticos e estéticos estão a ser garantidas.

O QUE SE PODE FAZER PARA ULTRAPASSAR OS OBSTÁCULOS QUANDO ESTES SURGEM NOS PROCESSOS CRIATIVOS? [POR EX.: NÃO SE CONSEGUIR TOMAR UMA DECISÃO CONJUNTA OU EXISTIREM CONFRONTOS PERSISTENTES]

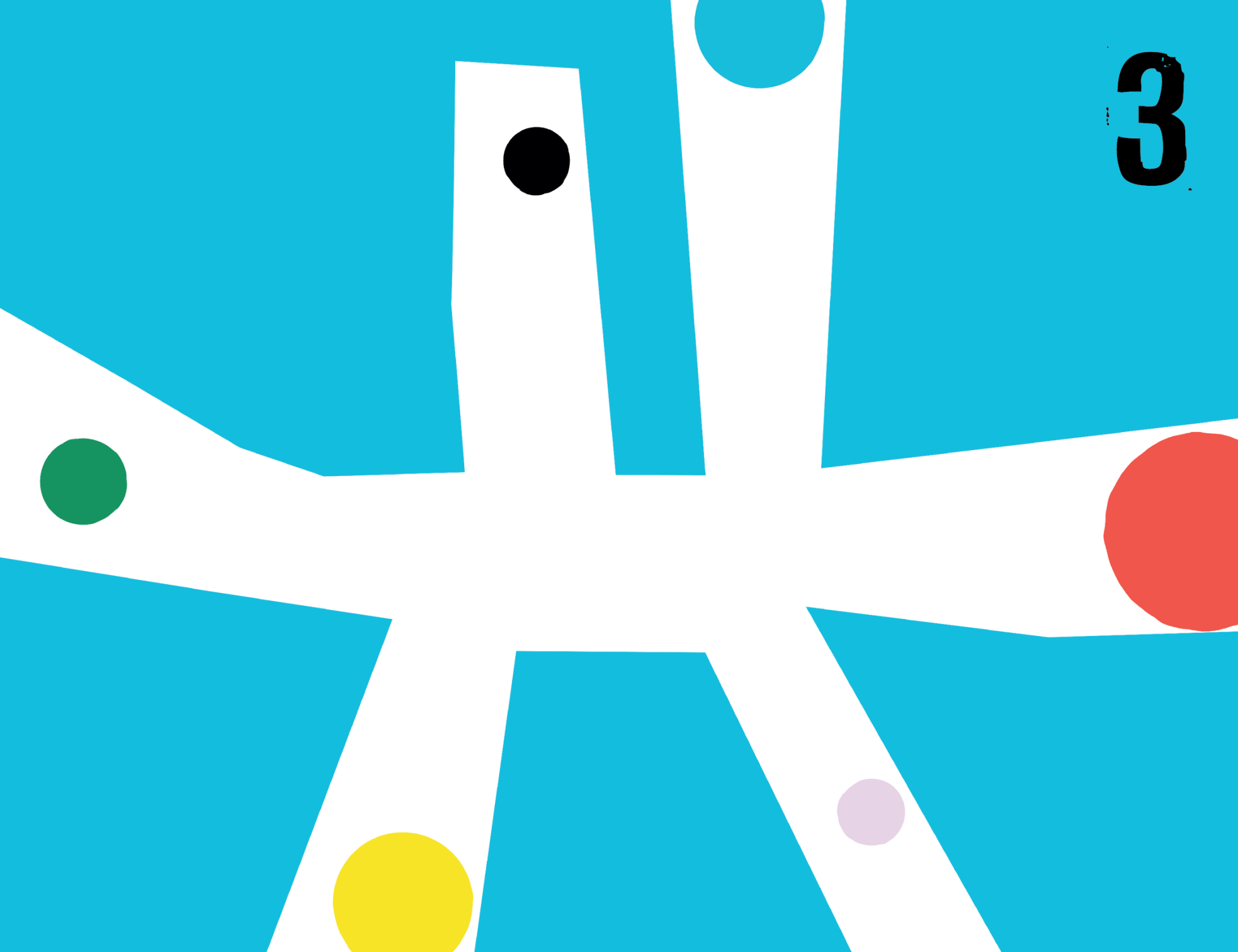
Não valorizar excessivamente os obstáculos pode ser um bom ponto de partida. Discuti-los, não apenas verbalmente, mas ativando abordagens artísticas e evitando os impasses que estes podem criar. É importante não perder de vista que as dificuldades nos processos criativos valem sempre a pena pelas aprendizagens que permitem e pelo que fortalecem individualmente e coletivamente.

Assentar ideias e criar distância delas pode ser bom em momentos mais difíceis para os coletivos, assim como aproveitar quando a criação está a fluir e a acontecer, não a interromper. Os momentos orgânicos para cada coisa devem ser respeitados e potenciados, mesmo que não planeados, acreditando que se chegará a algum lugar na construção.



Voltando atrás, mudarias alguma coisa na tua ideia inicial? Aquela que registaste nas folhas brancas relativamente à organização de ações artísticas participativas? O quê?
Utiliza lápis e canetas, tesouras e cola, sem medos!




3

INSPIRAÇÕES E INFORMAÇÕES PARA PESSOAS PERSISTENTEMENTE INSATISFEITAS COM AÇÕES ARTÍSTICAS PARTICIPATIVAS

Neste caderno são levantados temas que precisam de ser aprofundados. Para isso **é bom pedires ajuda aos motores de busca, falares com pessoas amigas e/ou desconhecidas, ires à biblioteca, perderes-te em aplicações disponíveis gratuitamente.** Com o contributo das várias pessoas envolvidas no desenvolvimento deste caderno, sintetizam-se, nesta seção, *links* de acesso a diferentes projetos, recursos, livros, documentos que têm como finalidade inspirar e informar:

RECURSOS

Art and Participation

Arte e Esperança

Arte, Reinvenção e Futuros

Carta do Porto Santo

Jogos para atores e não atores

Jogos teatrais

La cultura ingobernable

Livro Práticas Artísticas, Participação e Política

Manifesto do Plano Nacional das Artes

Wicked Arts Assignments: practinsing creativity in contemporary arts education

AÇÕES/PROJETOS

Associação Juvenil Pangue D'Ami

Clarabóia

Clave 13/17

Coletivo Bonobando

Corita Kent

Entidade Maré

Fanzineteca de Aveiro

Festival Infinito

PANOS – palcos novos palavras novas

Projeto tum tum tum

Power Up

take HEART! Democracy, Sustainability, Cultural Education

The Art of Curiosity

INFORMAÇÃO LEGAL

Constituição de uma associação

O que é uma associação juvenil?

Coragem para o desapego

Hugo Cruz

A construção deste caderno resulta de um convite-desafio que o Plano Nacional das Artes (PNA) me lançou. Mas esse foi apenas o ponto de partida. Foi preciso que tivéssemos a coragem de, constantemente, nos desapegarmos da ideia inicial, ato inerente à criação e defendida, de diferentes formas, nas páginas anteriores. No princípio, a ideia passava por desconstruir o meu livro "Práticas Artísticas, Participação e Política", edição apoiada pelo PNA, criando uma espécie de síntese que pudesse ser útil e instigasse a prática e reflexão de professores, artistas e jovens com experiência, ou não, no desenvolvimento de ações artísticas participativas.

No caminho, achei que os textos não davam conta do potencial do que discutiam e que o diálogo com a ilustração seria uma mais-valia incontornável. Convidei o Tiago Galo que, generosamente, me acompanhou neste processo. Andámos para a frente, voltámos para trás, escutámos, perguntámos, demos tempo para que as ideias e as palavras repousassem, divergimos e convergimos, com o cansaço e a celebração a que nos convoca a criação. Decidimos, então e tendo em conta a escassez de recursos acessíveis, que iriamos focar a abordagem deste caderno assumindo-o como um bom perguntador, instigador da reflexão individual e coletiva, um dispositivo aberto e a ser coconstruído com jovens dos 16 aos 25 anos interessados na participação e na criação artística, ou melhor interessados pelo mundo. O mais importante era este caderno ser simples, mas não simplista, procurando o diálogo com a grande diversidade de jovens e não se fechar em ideias e abordagens artísticas únicas e específicas.

Aceitando diferentes condicionantes e não ficando bloqueados nelas, porque estas são várias e vestem diferentes roupagens num processo criativo, acabou por não ser possível construir este caderno em coautoria com jovens, como era o meu desejo. No entanto, conseguimos, mesmo assim, formar um conselho consultivo de jovens organizado pelo PNA e, ainda, contar com outros olhares críticos complementares. Estes contributos, mesmo que em momentos pontuais, foram cruciais para o caderno que agora existe.

Agradeço ao PNA pelo risco que partilhou com este convite-desafio e a todas as vozes, cabeças, corações, corpos que estão, de alguma forma, na provocação que este caderno é: Pedro, Noa, Clara, António, Andreia, Vicente, João, Tiago, Ana, Sara, João, Isabel, Ana, Ana Luísa, Ana Canto, Sara Velasco, Carlos, António e Maria João.

O **CADERNO CRIAR CORAGEM (CCC)** procura incitar à desaprendizagem do que já não serve e à ocupação de futuros por vir. Procura valorizar o poder do jogo e do brincar como algo estruturante na nossa evolução. É um caderno algumas vezes imperfeito, no tom, no conteúdo, na linguagem, na abordagem, mas mesmo assim, não deixando de se assumir como um repto para que se continue a construir a partir da crítica e de outros pensamentos e ações. Possa este caderno ser um ativador para criar coragem para mais e melhor democracia, participação e cultura e criação artística.

CORPOS, CABEÇAS, CORAÇÕES E COLETIVOS À OBRA!!! junho 2024

Conhecer para descobrir

Tiago Galo

O Hugo Cruz desafiou-me para algo que me obrigou a sair da minha zona de conforto, normalmente associada a ilustrações editoriais e para publicidade. Na verdade, creio ser o primeiro utilizador *in loco* deste caderno, na medida em que mergulhei nele para daí emergir uma proposta gráfica que traduz o meu diálogo com o caderno. Este ponto de vista é sempre muito interessante para mim, o do diálogo entre palavras e desenhos. Faço-o amiúde na minha atividade enquanto ilustrador, traduzindo graficamente histórias e artigos de jornal, mas nunca de um modo tão direto e estimulante que me desse a descobrir outras particularidades do meu trabalho. Sinto-me afortunado por fazer parte desta proposta que acaba por ser uma ferramenta de auto-descoberta e colaboração, pilares essenciais para nos tornarmos em pessoas conscientes e solidários/as.

junho 2024

Plano Nacional das Artes

Desaprender é um ato de coragem e de insubordinação, significa recusar as fórmulas que nos foram ensinadas e fazer de outra maneira. Mas qual? A imaginação e a coragem são os ingredientes da irreverência que se exprime na vontade de fazer diferente, de correr riscos à maneira de cada um – errar... refazer... descobrir... (por esta ordem ou em desordem).

O **Plano Nacional das Artes** desafiou o Hugo Cruz e o Tiago Galo, criativos indomáveis, a pensar num caderno de propostas dirigido aos jovens (para eles e com eles), para que possam autonomamente liderar os seus projetos criativos, artísticos ou artivistas, nas suas comunidades, aproximando os patrimónios, as artes e as culturas às suas vivências e perspetivas.

Criar exige tempo e vontade de arriscar. Que este Caderno seja uma aventura! Que através dele os protagonistas se descubram a si próprios participantes no coletivo, alargando o horizonte das suas possibilidades, em liberdade, com prazer e a coragem de afirmar diferenças ou ideias disruptivas. Com convicção!

Desaprender é também uma forma de indisciplinar, ou seja, de transpor as normas e propor um olhar diferente. Neste Plano das Artes recusamos a repetição como fórmula e tentamos o que nunca se fez, afinal as artes são movidas pela ânsia da descoberta do novo – abrem caminhos, derrubam barreiras, desviam rotas, alteram os modos de estar e de pensar o hoje e o amanhã.

Confiamos nas artes e na democracia e sabemos que nesta relação as culturas têm um papel fundamental: reforçam a cidadania e a participação cultural.

Confiamos nos jovens, como confiamos nos artistas, na sua chama e ímpeto imaginário. Apelamos ao seu poder indisciplinador, à irreverência e à audácia que os move.

Nesta aventura, desejamos que o **CADERNO CRIAR CORAGEM** vos questione e vos inspire para a criação de ações públicas, nos lugares que habitam.

Que as Artes e as Culturas (sempre no plural) vos inquietem e instiguem a vontade de fazer e de mudar mundos.

Que as vossas propostas se concretizem e transformem pessoas e contextos com práticas que ainda não têm nome, por ainda não terem sido inventadas.

Que acendam chamas com o poder da imaginação e nos ofereçam o improvável que está por vir.

Sara Brighenti
Subcomissária do Plano Nacional das Artes

AUTORES

Hugo Cruz (texto e coordenação editorial)

Desenvolve o seu trabalho no espaço de cruzamento entre a criação artística e a participação cívica e política enquanto criador, programador cultural e investigador.

Nas suas publicações, destaca-se a coordenação dos livros Arte e Comunidade (2015), Arte e Esperança (2019), Arte, Reinvenção e Futuros (2023) e a autoria de Práticas Artísticas, Participação e Política (2021). Professor convidado na Escola de Artes da Universidade de Évora e Investigador no CIIE – UP e CHAIA – UÉ. Integra a equipa de acompanhamento/avaliação externa da iniciativa PARTIS & Art for Change – Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação "la Caixa"/BPI. Direção artística de diversos projetos teatrais em coconstrução com comunidades locais, nomeadamente em escolas, prisões, bairros sociais e casas do povo. No momento atual é diretor artístico do DESEJAR – Movimento de Artes e Lugares Comuns integrado na Braga'25 Capital Portuguesa da Cultura. **www.artandparticipation.com**

Tiago Galo (ilustração)

Ilustrador português que vive e trabalha em Lisboa.

Começou o seu trabalho como ilustrador colaborando em pequenos fanzines e exposições, antes de terminar a sua formação em arquitetura na Universidade Técnica de Lisboa. Após alguns anos trabalhando como arquiteto, vagueou erraticamente pelo submundo e voltou ao seu trabalho como ilustrador. Em 2021 é um dos vencedores da exposição dos Ilustradores da Feira do Livro de Bolonha. Actualmente trabalha como ilustrador freelancer para clientes como a National Geographic, Google, GQ e Financial Times.

GRUPO CONSULTIVO PNA

António Amoêdo Pinto

Jovem músico e artista, iniciou sua jornada musical aos 17 anos tocando baixo, influenciado pela herança do piano clássico das bisavós.

António ao começar com design gráfico na Escola Artística António Arroio, dedicou à música no Hot Clube Portugal, onde aprimorou suas habilidades em vários instrumentos. Atualmente, trabalha num projeto a solo e nas bandas Zaratan e Diagonal, enquanto apoia jovens artistas através do coletivo artístico CAJ. Enfrentando desafios com TDA, António valoriza sua contribuição para a criatividade e busca desenvolver sua identidade musical.

Noa Brighenti

Licenciada em Direito e Pós-Graduada em Direito da Igualdade pela Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa.

Noa Brighenti dedica-se a explorar a influência recíproca entre a Cultura e o Direito e o seu impacto coletivo na sociedade. Nomeadamente, o seu papel para a construção de uma cidadania ativa.

Willian Barros

Nasceu em 2003 (Paraná, Brasil) e, hoje em Portugal, atua como artista plástico e participa em diversos projetos colaborativos de caráter cultural e político.

Willian foca o seu rumo profissional na inserção de pautas relacionadas com comunidades imigrantes, QUEER e BIPOC, nos seus projetos pessoais e nos diálogos que proporciona.

ALGUNS RECURSOS DESTE CADERNO

Baiocchi, Gianpaolo et al (2014). *The civic imagination: making a difference in American political life*. Boulder: Paradigm Publishers.

Bezelga, Isabel (2014). *A urgência duma abordagem artística e teatral comunitária de qualidade. Invisibilidades.* Revista Ibero-Americana de Pesquisa em Educação, Cultura e Artes, 33-44. Retirado de https://www.apecv.pt/revista/Invisibilidades_n6.pdf

Botelho, Isaura (2007). *Políticas culturais: discutindo pressupostos*. In Gisele Marchiori Nussbaumer (Org.), Teorias e políticas da cultura: visões multidisciplinares (pp. 171-180). Salvador: Edufba.

Butler, Judith (2017). *Cuerpos aliados y lucha política: Hacia una teoría performativa de la asamblea*. Barcelona: Paidós.

Certeau, Michel (2010). *A cultura no plural* (6ª ed.). Campinas: Papirus.

Cruz, Hugo (2021). *Práticas Artísticas, participação e política*. Lisboa: Edições Colibri.

Dove, S. & Smeets, G. (2002). *Why all these questions? The Mouson-Springdance/dialogue.* Amsterdam: Theater Instituut Nederland.

Eagleton, Terry (2005). *A ideia de cultura*. São Paulo: UNESP.

Geertz, Clifford (1989-2008). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar.

Lopes, João Teixeira (2009). *Da democratização da cultura a um conceito e práticas alternativos de democracia cultural*. Cadernos de Estudo, 14, 2-13. doi:10.17346/se.vol14.121

Menezes, Isabel (2003). *Participation experiences and civic concepts, attitudes and en- gagement: Implications for citizenship education projects*. European Educational Research Journal, v. 2, n. 3, p. 430-445.

Ventosa, Víctor (2016). *Didática da participação: Teoria, metodologia e prática ano*. São Paulo: SESC

Plano Nacional das Artes

FICHA TÉCNICA

Texto: Hugo Cruz

Ilustração: Tiago Galo

Coordenação Editorial: Hugo Cruz

Acompanhamento PNA: Sara Brighenti

Grupo Consultivo Jovens PNA: Pedro Willian Barros, Noa Brighenti, Clara Passarinho, António Pinto e Andreia Galvão

Contributos críticos: Vicente Gil, João Cachola, Isabel Gonçalves, Isabel Menezes e Ana Bragança

Agradecimentos: Ana Luísa Castelo, Carlos Guerreiro e António Guterres

Design: Ana Canto

Revisão: Sara Velasco

Edição: Plano Nacional das Artes

Impressão: Gabinete Iz Design, Lda

600 exemplares

1.ª Edição

Lisboa, Dezembro 2024

ISBN

978-989-35471-2-0

Depósito Legal

541753/24

https://www.pna.gov.pt/recursos-educativos/

REPÚBLICA PORTUGUESA
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E INOVAÇÃO

REPÚBLICA PORTUGUESA
CULTURA